



Desde 1987 vem sendo desenvolvido projeto de tratamento através de plantas medicinais no Núcleo Bandeirante

# Hospital público aposta em terapias alternativas

JÚLIO MOSQUÉRA

Há alguns anos um elevado número de novas propostas vem surgindo com a intenção de ampliar o modelo biomédico atual, baseado nos medicamentos sintéticos. O sucesso de aceitação de fórmulas de cura como a homeopatia, aliada à insistente iniciativa de profissionais da medicina em Brasília, levou a Secretaria de Saúde a oficializá-las nas unidades hospitalares do DF.

Desde agosto último, está em andamento na Fundação Hospitalar o Programa de Desenvolvimento de Terapias não Convencionais, composto de quatro projetos — Acupuntura, Fitoterapia, Homeopatia e Alimentação Integral. Na visão do Secretário de Saúde, Milton Menezes, o propósito principal é o de “atender aos anseios de profissionais da área interessados nessas opções terapêuticas”.

Em Planaltina, por exemplo, há cinco anos, o Centro de Saúde da satélite mantém um horto onde são cultivadas as plantas medicinais empregadas na cura de doenças mais simples (gastrite, cistite e algumas disfunções orgânicas), aquelas que necessitam de um atendimento primário. No Núcleo Bandeirante iniciativa semelhante existe desde 1987, e no dia 25 do mês passado, Brasília deu início à sua

plantação.

A permanente precariedade de medicamentos e de recursos, por parte do sistema de saúde, também se coloca como forte argumento para a viabilização do programa. Os resultados positivos obtidos com o uso de plantas e ervas, associado à facilidade de obtenção delas, surge com o princípio de remediar as deficiências.

As novas terapias, no entanto, não aparecem para substituir às aplicadas hoje em dia. Segundo Menezes, caberá ao paciente escolher entre os tratamentos convencionais e os “alternativos”. Mesmo porque, continua ele, na primeira fase do programa apenas os centros de saúde fornecerão o serviço, o que reduz o número de assistidos.

## FITOTERAPIA

Dentre os quatro projetos, a fitoterapia — tratamento de doenças com plantas — é o que encontra-se mais adiantado. Em breve, assegura a coordenadora de todo o programa, a neurologista Maria Aparecida Costa, o sistema de saúde inteiro poderá dispor de um horto didático. A cultura brasileira, avalia ela, irá facilitar a execução: “Temos aqui no País raízes profundas de uso da farmácia verde, e queremos aproveitar essa condição natural”.

O horto didático terá função dupla. Além de fornecer a matéria-prima para os medicamentos, servirá de escola. Ao lado das plantas e ervas constarão placas com os nomes popular e científico de cada espécie, e orientações sobre a utilização, preparo e dose dos remédios. “Assim canalizaremos a iniciativa espontânea das pessoas, segundo o emprego adequado da flora medicinal”, fala Aparecida.

Apesar de bastante difundida entre os brasileiros, a terapia das plantas é em muitos casos praticada de forma errada.

O secretário de Saúde, entretanto, não demonstra preocupação quanto à aceitação das novas terapias. Ele considera haver espaço para todos os tipos de tratamento, e ressalta que os profissionais da área oferecem amplo apoio à idéia. “Trata-se de oferecer outras técnicas, e não substituir as existentes”, reforça.

Na defesa pela preferência da fitoterapia, Aparecida lembra que os efeitos colaterais desse tipo de tratamento são bem menores. “De acordo com o princípio ativo das plantas, o organismo retém as substâncias necessárias, e se autodefende. São repostos ainda sais minerais, fósforo, cálcio, tão essenciais para o perfeito funcionamento do corpo”, explica.